

INFORMAÇÕES

Visita mensal aos doentes: Será feita pelo pároco na próxima 4ª feira, dia 5, a partir das 14,30 h.

Encontro de Espiritualidade para Catequistas: Realiza-se no Centro Paroquial da Meadela, na próxima 6ª feira, dia 7, às 20,30 h. Participe!

Reunião da Comissão Fabriqueira: Na próxima 6ª feira, dia 7, às 21 h., no Centro de Convívio. Como de costume, na primeira parte da Reunião dar-se-á lugar a qualquer pessoa que queira participar com alguma crítica ou sugestão.

Magusto para a Comunidade: Os Escuteiros da nossa paróquia organizam o habitual Magusto, para o qual pedem o apoio dos catequistas e dos pais para que todas as crianças, adolescentes e jovens que frequentam o Escutismo e/ou a Catequese participem no mesmo. É aberto a toda a comunidade, com o objectivo de ser tempo e espaço de convívio alegre, partilha, amizade, comunhão. É no próximo sábado, dia 8, à tarde. Participe!

Catequese – Matrículas: Continua a actualização de matrículas - de 2ª a 6ª feira, das 19 às 19,30 h.; às quartas-feiras, entre as 13 e as 14 h. Local - Cartório Paroquial, sito no edifício do Centro de Convívio.

MISSAS

Dia	Hora	Intenções	
3	Seg	18,30	Manuel da Cunha Moledo
4	Ter	18,30	Maria da Conceição, Domingos e Adosinda
5	Qua	18,30	Ercinda Saraiva de Brito e filho
6	Qui	18,30	Domingos Fernandes, Conceição Coelho e José Pedro Coelho
7	Sex	18,30	Pais e irmãos da família Mendes Gomes e Sogros José Rodrigues e filhos, Acúrio de Brito e mulher; Sebastião de Passos Barroso e esposa
8	Sáb	18,30	José do Rosário, José Mendes e João Paulo; Luís da Rocha e Maria José Silva; Mário Alves Cadilha e Virgínia da Lomba Cadilha; Alzira de Jesus Esteves e António Augusto Esteves
9	Dom	9,45	Manuel José Araújo Gomes; Defensor e família; Aurora Cerqueira; Manuel Basílio Barcelos Lima

PARÓQUIA VIVA



Nº 112 – 02/11/2003

Boletim Litúrgico-informativo • Senhor do Socorro - Viana do Castelo
Telef: 258835086 / 936322123 / 258806756 • Sai todos os Domingos e Dias Santificados

Comemoração dos Fiéis Defuntos – Ano B



«na minha própria carne verei a Deus. Eu próprio O verei, meus olhos O hão-de contemplar» (1ª leitura); «Jesus exclamou: “Eu Te bendigo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas verdades aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos”...» (Evangelho)

A morte, certeza da vida presente e esperança de vida eterna

Este ano, a tradicional comemoração dos Fiéis defuntos assume uma centralidade especial, visto ocorrer em dia de domingo, permitindo assim aos fiéis cristãos uma maior disponibilidade para a participação na sua celebração. Tema de culto religioso e profano, que atesta a dimensão da fé na vida eterna, é ocasião de encontro das famílias em torno dos membros falecidos. Propomos a reflexão que se segue.

A Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos é, acima de tudo, um convite à vida, que como um banquete será celebrada na intimidade de Deus.

A morte física não será mais que a porta para esta vida. É necessário transformar um "culto dos mortos" sem grande sentido para esta perspectiva que encontramos em Isaías (25, 6a.7-9): o anúncio dum banquete que Deus quer oferecer a todos os povos. Sem data, nem hora, o banquete, servido sobre um monte, pretende restabelecer laços íntimos, diríamos de família, com toda a humanidade. Isaías refere-se certamente ao monte do Templo, em Jerusalém, o lugar onde Deus habita no meio do seu Povo. É neste local que Israel presta culto a Deus. Aceitar o convite para este "banquete" significa entrar no "espaço íntimo" e familiar de Deus e sentar-se com ele à mesa.

Serão servidos "manjares suculentos", "comida de boa gordura", "vinhos deliciosos e puríssimos", expressões que sublinham a abundância e qualidade de vida com que Deus vai presentear os seus convidados.

Para quem aceitar o convite para o "banquete", começa um tempo novo de comunhão íntima com Deus por toda a eternidade. Isto mesmo sugere Isaías quando escreve que será removido "o véu que cobria todos os povos, o pano que envolvia todas as nações".

(Continua na pág. 3)

Comemoração dos Fiéis Defuntos – Ano B

LITURGIA DA PALAVRA

Depois de ter cantado a glória e a felicidade dos Santos que «gozam em Deus a serenidade da vida imortal», a Liturgia, desde o início do século XI, consagra este dia à memória dos Fiéis defuntos.

É uma continuação lógica da Festa de Todos os Santos. Se nos limitássemos a lembrar os nossos irmãos Santos, a Comunhão de todos os crentes em Cristo não seria perfeita. Quer os fiéis que vivem na glória, quer os que vivem na purificação, preparando-se para a visão de Deus, são todos membros de Cristo pelo Baptismo. Continuam todos unidos a nós. A Igreja peregrina não podia, por isso, ao celebrar a Igreja da glória, esquecer a Igreja que se purifica no Purgatório.

É certo que a Igreja, todos os dias, na Missa, ao tornar, sacramentalmente, presente o Mistério Pascal, lembra «aqueles que nos precederam com o sinal da fé e dormem agora o sono da paz» (Prece. Eucarística I). Mas, neste dia, essa recordação é mais profunda e viva.

O Dia de Fiéis Defuntos não é dia de luto e tristeza. É dia de mais íntima comunhão com aqueles que «não perdemos, porque simplesmente os mandámos à frente» (S. Cipriano). É dia de esperança porque sabemos que os nossos irmãos ressurgirão em Cristo para uma vida nova. É, sobretudo, dia de oração, que se revestirá da maior eficácia, se a unirmos ao Sacrifício de reconciliação, a Missa.

No Sacrifício da Missa, com efeito, o Sangue de Cristo lavará as culpas e alcançará a misericórdia de Deus para os nossos irmãos, que adormeceram na paz com Ele, de modo que, acabada a Sua purificação, sejam admitidos no Seu Reino.

LEITURAS DA 1ª MISSA

1ª leitura: Job 19, 1.23-27a

«**Eu sei que o meu Redentor está vivo**» – A esperança da imortalidade e da ressurreição, que começou a iluminar os homens no Antigo Testamento, dando-lhes força para não sucumbirem na dor, atinge o seu termo em Jesus Cristo, morto por nós e ressuscitado para nos comunicar a vida eterna.

2ª leitura: 2 Cor. 4, 13 – 5, 1

«**As coisas visíveis são passageiras; as invisíveis são eternas**» – Mediante a morte de Jesus Cristo, Deus reconciliou-nos consigo dando-nos a paz e a possibilidade de entrarmos na Sua intimidade. Fundamentada nos méritos de Cristo, a nossa esperança nunca será iludida.

Evangelho: Mt 11, 25-30

«**Vinde a Mim ... Eu vos aliviarei**» – A vontade de Deus é que todos os homens sejam salvos. A salvação alcança-se pela fé em Jesus Cristo.

Deus no silêncio

Diz-nos Madre Teresa: "Nós temos necessidade de encontrar a Deus, e Ele não se encontra no meio do ruído e da agitação.

Deus é amigo do silêncio. Vede como na natureza, as árvores, as flores, a erva crescem em silêncio. Vede as estrelas, a lua, o sol, como se movem em silêncio.

Não é nossa missão dar Deus aos pobres dos bairros-de-lata? Não um Deus morto, mas um Deus vivo e que ama.

Quanto mais recebermos no silêncio da oração, mais daremos na nossa vida activa. Temos necessidade do silêncio para tocar as almas.

O importante não é o que dizemos, mas o que Deus nos diz e diz por meio de nós.

Todas as nossas palavras são vãs se não vêm do interior. As palavras que não dão a luz de Cristo, aumentam a escuridão".



A morte, certeza da vida presente e esperança de vida eterna

(Continuação)

Caracteriza o tempo novo, de paz e de felicidade sem fim, dizendo que Deus vai destruir a morte para sempre, enxugar "as lágrimas de todas as faces" e eliminar "o opróbrio que pesa sobre o seu Povo".

Em termos práticos, este banquete, descrito por Isaías, remete-nos para a realidade de comunhão de festa, de amor, de felicidade que Deus nos oferece. Deus propõe um projecto de vida a todos os homens, sem excepção. Deus ama cada ser humano, convida-o a integrar a Sua família e oferece-lhe a vida plena e definitiva. O homem não se destina à morte, mas à vida. No fundo, é esta a essência da mensagem da Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos. A nossa vida deve ser vivida com a dignidade que nos foi dada no Baptismo, a de filhos de Deus. Conscientes da nossa condição de seres limitados, frágeis, devemos fazer da nossa caminhada nesta terra um caminho de serenidade, de esperança e de confiança. As nossas limitações, os nossos medos, misérias, a morte física, não são a última palavra. Temos a certeza que caminhamos todos ao encontro da festa definitiva que Deus prepara para todos os que aceitam a salvação oferecida em Jesus Cristo.